

DIÁLOGO INSTITUCIONAL E FORMAÇÃO CIDADÃ: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO ESTRATÉGIA DE APROXIMAÇÃO ENTRE IFAP E A COMUNIDADE ESTUDANTIL DE OIAPOQUE-AP

José Henrique Mendes Crizostomo

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, IFAP, Oiapoque, AP, Brasil

jose.crizostomo@ifap.edu.br

Shirlene da Silva Tavares

Tecnóloga em Gestão Comercial, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá,
IFAP, Oiapoque, AP, Brasil

shirlenedasilvatavares11135@gmail.com

Tayza Lopes Xavier

Estudante do Curso Técnico Subsequente em Administração, Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Amapá, IFAP, Oiapoque, AP, Brasil

tayzaxavier080@gmail.com

Resumo

O texto relata a experiência do projeto de extensão “Ifap Oiapoque de Portas Abertas: Estratégias de Aproximação Comunitária e Divulgação Técnico-Científica”, executado em 2024 no município de Oiapoque, extremo norte do Amapá, região de fronteira com a Guiana Francesa. A iniciativa visou superar o desconhecimento da comunidade local sobre o campus, que passava por uma transição para autonomia e expandia sua oferta com o Ensino Médio Integrado em Administração e Guia de Turismo. A metodologia baseou-se em uma abordagem dialógica e participativa, ancorada nos princípios da ação dialógica (Freire, 1983), da extensão como prática de transformação social (Melo Neto, 2001) e das metodologias ativas (Berbel, 2011; Diesel, Baldez e Martins, 2017). A execução envolveu visitas a três escolas públicas de Oiapoque — Joaquim Nabuco, Duque de Caxias e Joaquim Caetano da Silva — e o acolhimento de estudantes no campus durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia de 2024. A interação face a face, desdobrada em procedimentos como escuta ativa, adaptação de linguagem, dinâmicas em pequenos grupos e atendimentos individualizados, revelou-se a maior potência e, simultaneamente, o maior desafio do projeto. Os resultados indicam êxito na aproximação comunitária, com o engajamento de 316 estudantes e o ingresso de participantes nos processos seletivos de 2025, transformando a percepção do Ifap de uma instituição distante para uma opção acessível e relevante nos projetos de vida dos jovens. Conclui-se que a extensão universitária, por sua capacidade de construir pontes de pertencimento em contextos de vulnerabilidade social e informacional, configura-se como

2

sociedade, a extensão proporciona uma troca dialógica de conhecimentos e benefícios mútuos (Rodrigues et al., 2013).

Intrinsecamente ligada à função social dessas instituições, a extensão constitui um pilar indissociável da tríade ensino-pesquisa-extensão, assumindo a responsabilidade de conectá-las às demandas emergentes da população. Nesse escopo, a prática extensionista possibilita a elaboração de projetos alternativos para problemas sociais complexos, pautados por princípios de solidariedade e inclusão de grupos socialmente marginalizados (Bernheim, 2001).

Nesse contexto, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (Ifap), em meio ao processo de expansão de sua estrutura e ampliação da oferta de vagas em suas múltiplas modalidades de ensino, tem intensificado suas ações de extensão tecnológica. Esse movimento visa consolidar seu papel social e fortalecer os vínculos com a comunidade, alinhando-se à sua missão institucional.

Este relato de experiência apresenta e analisa a execução do projeto de extensão “Ifap Oiapoque de Portas Abertas: Estratégias de Aproximação Comunitária e Divulgação Técnico-Científica”, desenvolvido no município de Oiapoque-AP ao longo do segundo semestre de 2024. A iniciativa foi viabilizada por meio de fomento concedido via edital de extensão tecnológica pela Pró-Reitoria de Extensão, Arte, Cultura e Desporto (Proext) do Ifap, o que permitiu a concessão de duas bolsas de extensão aos discentes integrantes da equipe de execução.

Objetiva-se, com a divulgação desta experiência extensionista bem-sucedida, fomentar a replicabilidade de ações análogas em outras instituições de ensino superior e tecnológico. Entende-se que tais projetos são fundamentais para promover a aproximação efetiva entre academia e sociedade. Por fim, almeja-se que a presente narrativa sirva como estímulo para a consolidação do papel extensionista dos Institutos Federais, em especial na região Norte do Brasil, por meio da integração contínua com a comunidade e da promoção de vivências formativas que enriqueçam a formação discente.

2 PANORAMA INICIAL E A NECESSIDADE DE APROXIMAÇÃO COM A COMUNIDADE

O Campus Avançado Oiapoque do Instituto Federal do Amapá (Ifap), inaugurado no ano de 2016 e posteriormente elevado à categoria de campus autônomo em janeiro de 2025, foi concebido como um instrumento estratégico de capacitação tecnológica e profissional,

visando ao desenvolvimento socioeconômico do extremo norte amapaense. Situado em uma região fronteira singular – o município de Oiapoque, divisa com a Guiana Francesa –, a unidade está inserida em um território marcado por complexas dinâmicas socioeconômicas e culturais. A população local, estimada em cerca de 28 mil habitantes, segundo o último censo do IBGE realizado no ano de 2022, é composta majoritariamente por famílias de baixa renda, com expressiva presença de comunidades tradicionais – incluindo populações indígenas das etnias Karipuna, Galibi-Marworno, Palikur e Galibi Kali'na –, além de migrantes, garimpeiros e comerciantes transfronteiriços. A economia local gravita em torno do funcionalismo público, do comércio transfronteiriço e de atividades informais, com índices de desenvolvimento humano abaixo da média nacional e carência de equipamentos públicos voltados à formação profissional e tecnológica.

Foi nesse cenário que a unidade iniciou suas atividades letivas no ano de 2024, ofertando cursos técnicos na modalidade subsequente e programas de Formação Inicial e Continuada (FIC), atingindo a marca de aproximadamente duzentos matriculados em sua oferta de quatro cursos técnicos subsequentes e um de nível superior tecnológico.

Ao longo do ano de 2024, em consonância com o planejamento estratégico institucional, a unidade do Oiapoque empreendeu um processo estrutural de preparação para uma significativa mudança de status: a transição de campus avançado para campus autônomo. Esse movimento, que aguardava a formalização definitiva dos trâmites legais e administrativos perante o Ministério da Educação, representava muito mais do que uma mera alteração burocrática. Tratava-se de um marco estratégico, com profundas implicações para o desenvolvimento educacional e social da região.

A autonomia jurídico-institucional em vista configurava-se como condição essencial para viabilizar uma substantiva expansão e diversificação da oferta educacional. Enquanto campus avançado, a unidade operava com um portfólio restrito, limitado à oferta de cursos técnicos subsequentes (para quem já concluiu o ensino médio) e um curso de tecnologia superior. A nova condição de campus autônomo abriu caminho para a implantação de uma nova e crucial modalidade de ensino: o Ensino Médio Integrado.

Com essa modalidade, o campus Oiapoque inaugurou sua primeira oferta na educação básica profissionalizante, permitindo que os estudantes cursassem, em tempo integral, o Ensino Médio de forma integrada à formação técnica. Para este ciclo inicial, foram planejados os cursos integrados de Técnico em Guia de Turismo e Técnico em Administração, atendendo a demandas locais por qualificação profissional alinhada ao potencial econômico regional —

notadamente o ecoturismo e a gestão de pequenos negócios — e à formação cidadã dos jovens.

Paralelamente a essa expansão, o ano de 2024 foi marcado pela consolidação e implementação do curso Técnico em Administração na modalidade Educação de Jovens e Adultos (Proeja). Esta ação reforçou o compromisso institucional com a inclusão educacional, proporcionando uma via de qualificação e certificação para um público adulto que não teve acesso ou não pôde concluir seus estudos na idade regular. A oferta do Proeja complementou a transformação em curso, demonstrando que a expansão quantitativa andava lado a lado com a diversificação de públicos atendidos.

Assim, a transição administrativa em andamento em 2024 constituía o alicerce para uma verdadeira reconfiguração do papel da instituição no extremo norte do país. De uma unidade com oferta limitada e específica, o futuro campus autônomo se projetava como um centro educacional multifacetado, atuando desde a formação básica e técnica integrada de adolescentes, passando pela qualificação de jovens e adultos já formados no ensino médio (via cursos subsequentes), até o ensino superior tecnológico, sem descuidar da educação de jovens e adultos trabalhadores. Essa jornada de transformação, portanto, tinha como horizonte não apenas a autonomia administrativa, mas, sobretudo, a ampliação da capacidade de atender às complexas e variadas demandas educacionais da população oiapoqueense e do Amapá.

Contudo, um obstáculo central ameaçava o pleno êxito do processo expansionista: o relativo desconhecimento da população oiapoquense sobre o Ifap em Oiapoque. Durante atividades exploratórias preliminares, realizadas no âmbito da divulgação do curso Proeja, constatou-se empiricamente que uma parcela considerável da comunidade local desconhecia a instituição ou detinha uma percepção distorcida de sua natureza, confundindo-a, não raramente, com uma instituição de ensino privada. Esse mesmo déficit de informação foi identificado entre estudantes do ensino básico, público-alvo primordial para os novos cursos técnicos integrados. O perfil social desses estudantes é composto, em sua maioria, por jovens de famílias de baixa renda, muitos dos quais seriam a primeira geração a acessar o ensino superior ou a formação técnica federal, o que tornava o desconhecimento sobre o Ifap ainda mais preocupante, pois reforçava um ciclo de exclusão informacional que afetava justamente os potenciais beneficiários das políticas de democratização do acesso.

Para enfrentar essa lacuna comunicativa e simbólica, foi proposto, no segundo semestre de 2024, o projeto de extensão “Ifap Oiapoque de Portas Abertas: Estratégias de aproximação comunitária e divulgação técnico-científica”. A iniciativa objetivou

primordialmente estreitar os laços entre o campus e as escolas da rede pública local, promovendo uma divulgação ativa dos saberes, práticas e atividades desenvolvidas pela instituição. Almejou-se, com isso, instituir um canal de interação dialógica e contínua entre o Instituto e a comunidade estudantil, configurando um espaço privilegiado de divulgação científica e de popularização dos princípios e valores que regem a educação profissional e tecnológica federal.

Cumprе destacar que a proposta transcendeu o mero caráter informativo ou publicitário. Seu escopo metodológico foi concebido para proporcionar aos discentes das escolas participantes uma experiência imersiva e pedagógica, privilegiando a interação face a face, o acolhimento institucional e a construção progressiva de um sentimento de pertencimento. A implementação dessa experiência imersiva e pedagógica foi buscada por meio de um conjunto articulado de procedimentos que envolveram planejamento, formação da equipe e adaptação contínua.

No plano dos procedimentos, a preparação envolveu três dimensões. A primeira, de natureza formativa, consistiu na realização de oficinas internas com a equipe extensionista, nas quais foram trabalhados referenciais da pedagogia do acolhimento (inspirada nas formulações de Paulo Freire sobre a amorosidade e o respeito aos saberes do educando), da escuta qualificada e da comunicação não violenta. Essas oficinas foram ministradas pelo coordenador do projeto, com carga horária de 16 horas, e incluíram simulações de situações típicas de interação com adolescentes, como lidar com o silêncio, a timidez e perguntas desafiadoras. A segunda dimensão envolveu a pesquisa prévia sobre o perfil de cada escola: antes de cada visita, a equipe reunia-se com a coordenação pedagógica para levantar informações sobre faixa etária, interesses vocacionais, dificuldades de aprendizagem e expectativas dos estudantes em relação ao futuro. A terceira dimensão, de natureza logística e pedagógica, consistiu na elaboração de materiais didáticos adaptados — cartilhas, vídeos curtos produzidos pelos próprios bolsistas, maquetes e jogos interativos — que pudessem traduzir informações institucionais para uma linguagem acessível e atrativa.

O maior desafio enfrentado nessa busca pela experiência imersiva foi, sem dúvida, romper a barreira simbólica que associava o Ifap a uma “instituição de elite”. Em diversas ocasiões, os estudantes verbalizavam receios como “Isso é coisa de rico, não é para mim” ou “Lá deve ser muito caro, né?”. Tais falas revelavam a força do estigma internalizado e a urgência de um trabalho de desconstrução que transcendesse a simples divulgação de cursos. A estratégia encontrada foi investir no acolhimento como gesto concreto: as visitas iniciavam

sempre com uma roda de conversa em que os bolsistas compartilhavam suas próprias histórias de vida – jovens da região que, como eles, também duvidaram de sua capacidade de ingressar no Instituto – , criando uma identificação imediata que desarmava a resistência inicial e abria caminho para o diálogo.

Nesse ínterim, buscou-se também elucidar questões práticas fundamentais, tais como os mecanismos de acesso, as políticas de assistência e permanência estudantil, e o potencial educativo e transformador inerente aos cursos ofertados, posicionando o Ifap como uma opção real e acessível no projeto de vida daqueles jovens.

O projeto fundamentou-se na premissa de que proporcionaria à equipe executora uma experiência formativa continuada, permitindo a compreensão aprofundada da importância da inserção institucional direta na comunidade escolar. Objetivou-se, com esse processo, fomentar a aquisição de competências para o diálogo com a diversidade sociocultural, valorizando-a e incorporando os saberes pedagógicos, técnicos e científicos inerentes à promoção de uma aprendizagem colaborativa.

Cabe aqui um esclarecimento conceitual relevante: as “competências para o diálogo” às quais o projeto se refere constituem um conjunto de habilidades socioemocionais e comunicativas que, no início da execução, não estavam plenamente desenvolvidas na equipe executora. Essas competências incluem a escuta ativa – definida como a capacidade de ouvir com atenção plena, suspendendo julgamentos e acolhendo as dúvidas e os anseios dos interlocutores – , a adaptabilidade comunicativa – que consiste em traduzir informações técnico-científicas para uma linguagem acessível, sem infantilizar o interlocutor –, a empatia cultural – entendida como a disposição para reconhecer e valorizar os saberes e as vivências locais como legítimos – e a mediação dialógica – a habilidade de gerenciar situações de conflito, dispersão ou ceticismo, redirecionando o foco para as oportunidades apresentadas.

A equipe executora era composta por duas bolsistas – ambas estudantes do Ifap, sendo uma oriunda do curso Técnico Subsequente em Administração e outra do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Comercial – e pelo coordenador do projeto, docente do campus. No início das atividades, predominava na equipe uma postura de entusiasmo, mas também de insegurança: os bolsistas, embora dominassem o conteúdo sobre os cursos e as políticas de acesso, sentiam-se pouco preparados para se comunicar com adolescentes. A principal estratégia para a aquisição dessas competências foi a implementação de um ciclo de formação-ação-reflexão, composto por três movimentos: as oficinas formativas iniciais (mencionadas anteriormente), as reuniões sistemáticas de feedback após cada rodada de

visitas – nas quais a equipe discutia abertamente os erros, os acertos e as falas que geraram mais impacto – e a supervisão direta do coordenador durante as interações, com intervenções pontuais para modelar as condutas dialógicas esperadas. Ao longo do projeto, observou-se um crescimento significativo na desenvoltura dos bolsistas, que passaram de uma postura inicial de nervosismo e dependência do coordenador para uma atuação mais autônoma e segura, evidenciando que a extensão, quando concebida como espaço formativo, beneficia não apenas a comunidade, mas também os próprios extensionistas. Essa perspectiva alinha-se ao princípio freireano de que a educação é um ato dialógico e comunitário, conforme pontua o autor: “os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987, p. 44).

3 CONCEPÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DO PROJETO E SUA EXECUÇÃO

O projeto “Ifap Oiapoque de Portas Abertas” adotou a concepção de extensão universitária como um processo educativo, cultural, científico e político, visando à construção de uma visão alternativa sobre a educação. Essa perspectiva contrapõe-se ao modelo hegemônico, historicamente elitista e restritivo, alinhando-se, em vez disso, à perspectiva das classes sociais subalternas.

A contribuição de Melo Neto (2001) para este artigo é central e merece ser explicitada. O autor formula uma contundente crítica ao modelo tradicional de extensão, que ele caracteriza como “extensão difusionista” – uma prática verticalizada, na qual a universidade se coloca como detentora do saber legítimo e a comunidade como receptáculo passivo. A essa concepção, o autor contrapõe a “extensão como trabalho social útil”, ancorada na práxis e na indissociabilidade entre teoria e prática. Nessa perspectiva, a extensão não é um apêndice da formação acadêmica, mas um ato político de problematização da realidade junto às camadas populares, que visa à sua emancipação. Trata-se de um processo que vincula a produção acadêmica aos interesses imediatos e históricos da população, rompendo com a tradição assistencialista e construindo um novo pacto social baseado na solidariedade e na democracia participativa. As ideias de Melo Neto forneceram o alicerce teórico para o projeto aqui relatado, orientando a opção por uma metodologia que, em vez de “levar” informações prontas à comunidade, buscasse construir conjuntamente o conhecimento sobre as oportunidades educacionais, partindo das perguntas, dúvidas e saberes que os próprios estudantes traziam.

Caracteriza-se, assim, como um processo social e de ação cidadã, no qual a sociedade é reconhecida como produtora de conhecimentos, saberes e práticas, os quais são potencializados e ressignificados por meio do diálogo com o saber científico/acadêmico. Desse modo, a extensão atua como um espaço privilegiado de produção, validação, experimentação, valorização e troca de conhecimentos entre a instituição e a sociedade. Com base nesses fundamentos, dois princípios norteadores orientaram a execução do projeto: a ação dialógica e a construção coletiva.

A ação dialógica foi compreendida e operacionalizada como um encontro respeitoso entre os sujeitos envolvidos, no qual a escuta ativa e a fala horizontalizada permearam todas as interações ao longo do projeto. Essa prática foi inspirada na obra de Paulo Freire (1983), para quem o diálogo é essencial para uma práxis transformadora. Como afirma o autor, “ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade” (Freire, 1983, p. 51). Dessa forma, buscou-se estabelecer uma relação de reciprocidade e aprendizado mútuo, superando a lógica unidirecional de transmissão de conhecimento.

Já a construção coletiva consistiu em outro pilar fundamental, orientando a integração entre a equipe executora do projeto, discentes, docentes e gestores das escolas visitadas. Por meio desse princípio, foi possível reconhecer e valorizar o potencial de articulação e colaboração entre os participantes, elementos indispensáveis para responder de forma efetiva aos anseios e necessidades identificadas no território. A abordagem coletiva favoreceu, ainda, o senso de corresponsabilidade e o engajamento comunitário em todas as etapas do projeto.

A operacionalização da construção coletiva deu-se por meio de um percurso que envolveu pesquisa, pactuação e produção compartilhada, enfrentando tanto facilidades quanto dificuldades. A pesquisa do perfil e das demandas das escolas foi realizada por meio de um levantamento qualitativo, conduzido em reuniões presenciais com os gestores e coordenadores pedagógicos de cada unidade de ensino antes do início das visitas. Nessas reuniões, a equipe do projeto apresentava os objetivos da ação e, em seguida, aplicava um roteiro semiestruturado de perguntas, indagando sobre o perfil socioeconômico dos estudantes, seus principais interesses vocacionais, as dúvidas mais recorrentes sobre o futuro profissional e as barreiras percebidas para o acesso ao ensino técnico e superior. Os pedagogos, por sua vez, compartilhavam informações valiosas, como a existência de turmas com alto índice de evasão ou de estudantes que conciliavam os estudos com o trabalho informal. Esse diagnóstico inicial permitiu que a equipe chegasse às salas de aula com um conhecimento prévio do contexto, o que facilitou a calibragem da linguagem e a seleção dos conteúdos a serem abordados.

A maior facilidade encontrada nesse processo foi a expressiva abertura e o interesse dos diretores e coordenadores pedagógicos, que viam no projeto uma oportunidade concreta de motivar seus alunos e de preencher uma lacuna de informação que eles próprios, muitas vezes sobrecarregados, não conseguiam suprir. A parceria foi acolhida com entusiasmo, e as escolas ofereceram ampla flexibilidade de horários e espaços para as atividades. Por outro lado, a principal dificuldade residiu em conciliar as agendas do projeto com os calendários escolares já intensamente comprimidos, especialmente em períodos de avaliações e conselhos de classe. Em algumas situações, também foi necessário contornar o ceticismo inicial de certos professores que, tendo presenciado projetos de extensão que não tiveram continuidade, mostravam-se reticentes quanto à efetividade da proposta. A superação dessa resistência deu-se pela transparência e pelo compromisso com a presença continuada: ao retornar às escolas por três, quatro ou oito vezes, a equipe demonstrava na prática que aquele não era um projeto pontual ou oportunista, mas uma ação com vínculo e profundidade.

No que tange aos aspectos metodológicos, a execução do projeto organizou-se em quatro fases sequenciais e integradas:

1. **Planejamento e Seleção:** a fase inicial consistiu no diagnóstico, preparação teórica com levantamento bibliográfico e na definição criteriosa das escolas a serem envolvidas, considerando o público-alvo e a viabilidade operacional;
2. **Apresentação Institucional:** na segunda etapa, realizou-se o contato formal com as equipes gestoras das escolas selecionadas, para apresentação da proposta do projeto e estabelecimento de pactuações;
3. **Interação com a Comunidade Estudantil:** a terceira fase compreendeu a realização de visitas e dinâmicas diretamente com os estudantes, por meio de atividades lúdicas, expositivas e dialógicas;
4. **Visita ao Campus:** por fim, a quarta fase consistiu na realização de visitas guiadas das escolas participantes ao Ifap campus Oiapoque, com o intuito de apresentar sua estrutura, ações e projetos realizados, cursos e oportunidades educacionais.

A terceira fase – Interação com a comunidade estudantil – merece um detalhamento mais aprofundado, dada sua centralidade na metodologia do projeto. A preparação para as interações com os estudantes envolveu um percurso sistemático, que se iniciava antes mesmo do contato com as turmas. A equipe executora realizava, para cada escola, um planejamento específico composto pelas seguintes etapas: (a) reunião de diagnóstico com a coordenação pedagógica, conforme já descrito; (b) oficina interna de planejamento, na qual os dados

coletados eram analisados e as estratégias de abordagem eram definidas; (c) elaboração e adaptação de materiais didáticos; (d) simulação das dinâmicas, com a equipe atuando ora como facilitadora, ora como participante, para antecipar possíveis reações e ajustar o tom das atividades.

Os procedimentos utilizados foram inspirados em metodologias de ensino colaborativo e aprendizagem baseada em projetos, adaptadas para o contexto da extensão. Foram consultados referenciais como as formulações de Anastasiou e Alves (2004) sobre estratégias de ensinagem – como a aula expositiva dialogada, o estudo de texto, a técnica Phillips 66 e o grupo de verbalização e de observação – e as contribuições de Freire (1983) sobre os círculos de cultura. A partir dessas fontes, a equipe desenhou um repertório diversificado de atividades que incluía: simulações de processos seletivos, nas quais os estudantes preenchiam ficticiamente uma inscrição e participavam de uma “entrevista” descontraída; quizzes interativos com perguntas sobre curiosidades da região e sobre as áreas de atuação dos cursos técnicos; construção de mapas mentais coletivos para explorar as possibilidades de carreira a partir dos interesses manifestados pelo grupo; e exibição de vídeos curtos, produzidos pelas próprios bolsistas, mostrando a rotina do campus e depoimentos das bolsistas.

O processo de seleção das escolas considerou como critérios a localização – priorizando instituições da área urbana e arredores próximos –, bem como a oferta de anos finais do Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio, de modo a alinhar-se ao público-alvo da iniciativa. Cabe ressaltar, contudo, que a seleção foi também influenciada por limitações logísticas significativas, em especial a escassez de veículos institucionais – o campus dispunha de apenas um automóvel para todas as demandas administrativas e acadêmicas. Essa restrição impactou diretamente o raio de atuação do projeto, inviabilizando o deslocamento para escolas de regiões mais distantes – incluindo aquelas localizadas em aldeias indígenas e comunidades rurais do interior do município – e concentrando as ações no perímetro urbano de Oiapoque. Este foi, reconhecidamente, um dos limites do projeto, que deixou de alcançar justamente as comunidades mais isoladas e informacionalmente vulneráveis.

Diante dessas condições, três escolas foram selecionadas para participarem do projeto: a Escola Estadual Joaquim Nabuco, a Escola Estadual Duque de Caxias e a Escola Estadual Joaquim Caetano da Silva. As três instituições, situadas na área urbana de Oiapoque, atendem majoritariamente estudantes de famílias de baixa renda, muitas delas beneficiárias de programas de transferência de renda, residentes tanto na sede do município quanto em bairros

periféricos. Os dados quantitativos e descritivos referentes às visitas realizadas encontram-se sintetizados na Tabela 1.

Tabela 1 – Informações gerais sobre as visitas realizadas

Escola	Nº de visitas realizadas	Nº de alunos participantes
EE Joaquim Nabuco	4	60
EE Duque de Caxias	4	60
EE Joaquim Caetano da Silva	8	196
TOTAL		316

Fonte: Elaborado pelos autores

Conforme explicitado na Tabela 1, os dados quantitativos apresentados referem-se exclusivamente aos discentes que participaram efetivamente das atividades de extensão realizadas *in loco* nas escolas parceiras. Ressalta-se que esse recorte amostral não inclui o público discente que visitou o campus do Ifap Oiapoque durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT), uma vez que esse evento foi de caráter aberto a toda a comunidade estudantil municipal. A SNCT ocorreu nas dependências do campus nos dias 28 e 29 de novembro de 2024, paralelamente à fase final de execução do projeto, o que impossibilitou o registro individualizado e a contabilização precisa desses participantes no cômputo geral das ações extensionistas diretas.

Cumprе destacar que a abordagem metodológica do projeto esteve alicerçada em dois eixos fundamentais: a interação face a face e o emprego de metodologias ativas. A interação face a face consistiu na estratégia primordial para estabelecer um diálogo horizontal e direto entre a equipe extensionista — composta por discentes e docentes do Ifap — e os diversos atores do ecossistema educacional visitado, incluindo estudantes, professores, pedagogos, diretores e demais profissionais. Essa interação, materializada em diversos espaços dialógicos — como as rodas de conversa, os atendimentos individualizados e as atividades em pequenos grupos —, visou fomentar relações de proximidade, confiança e mútua aprendizagem.

A opção pela interação face a face, contudo, não foi apenas uma escolha técnica; ela carregava uma intencionalidade pedagógica e política que merece ser problematizada. Em um

contexto no qual a comunicação digital se massifica, a opção pelo encontro presencial foi deliberada, fundamentada em duas ordens de razão. Do ponto de vista sociocognitivo, a interação face a face permite a comunicação não verbal – gestos, olhares, expressões faciais, entonação da voz –, elementos cruciais para a construção de vínculos de confiança, especialmente com adolescentes em situação de vulnerabilidade, para quem o acolhimento é mais efetivo quando encarnado em presenças concretas. Do ponto de vista sociopolítico, inspirado em Freire (1983), o encontro presencial é o lócus privilegiado do diálogo autêntico, no qual os sujeitos se dispõem ao encontro com o outro em sua inteireza, e não mediados por telas que podem filtrar, editar ou distanciar.

A principal vantagem observada foi a criação quase instantânea de um vínculo de identificação e confiança: o fato de as bolsistas serem jovens da própria região, com sotaque, aparência e vivências semelhantes às dos estudantes, derrubava em minutos barreiras que um folder, um site institucional ou uma postagem em redes sociais dificilmente conseguiriam transpor. Os estudantes viam nas bolsistas um “espelho de possibilidade”, alguém que havia trilhado um caminho que eles também poderiam trilhar. Por outro lado, a interação face a face apresentou desafios significativos. O primeiro e mais evidente foi a gestão da timidez e do silêncio. Em muitas turmas, especialmente entre os alunos do Ensino Fundamental, o contato inicial era marcado por um silêncio constrangedor, com os estudantes cabisbaixos, evitando o contato visual e demonstrando desconforto em se expor. Romper essa passividade exigiu da equipe uma dose extra de paciência e o desenvolvimento de estratégias de aquecimento, como iniciar as atividades com jogos cooperativos ou perguntas provocadoras e bem-humoradas sobre o cotidiano dos jovens (música, esportes, redes sociais), para depois, gradualmente, introduzir as temáticas institucionais.

O segundo desafio foi a abordagem de temas sensíveis. Quando as bolsistas explicavam as políticas de assistência estudantil – auxílio-transporte, alimentação, dentre outras –, muitos estudantes reagiam com surpresa e desconfiança, pois desconheciam a existência desses benefícios e tinham dificuldade em acreditar que o Instituto oferecia tais suportes de forma gratuita. Em certas situações, era preciso repetir a informação de diferentes maneiras e, sobretudo, apresentar exemplos concretos de beneficiários, para que a mensagem fosse efetivamente acolhida.

O terceiro desafio foi a contenção do entusiasmo. Em algumas turmas, o oposto ocorria: os estudantes empolgavam-se com as atividades, faziam perguntas simultâneas, disputavam a atenção das bolsistas, gerando um ambiente de dispersão que precisava ser

pedagogicamente gerenciado. A equipe aprendeu, ao longo do processo, a utilizar essas explosões de interesse como oportunidades de engajamento, redirecionando a energia para a produção de perguntas coletivas e para o aprofundamento de temas que mais mobilizavam o grupo – como o mercado de trabalho, os salários e as possibilidades de prosseguimento dos estudos.

Por sua vez, a opção pelas metodologias ativas fundamentou-se em uma postura flexível e adaptativa. As metodologias ativas constituem um paradigma educacional que desloca o foco do ensino (centrado na figura do professor e na transmissão de conteúdos) para a aprendizagem (centrada na ação, na reflexão e na autonomia do estudante). Autores como Berbel (2011) as definem como processos interativos de conhecimento, análise, estudo, pesquisa e decisão, que visam à solução de problemas e à construção de autonomia. Diesel, Baldez e Martins (2017) complementam essa definição, situando as metodologias ativas no âmbito dos pressupostos teóricos do construtivismo e da aprendizagem significativa, e destacando princípios como a problematização da realidade, a colaboração e o protagonismo do estudante como eixos estruturantes dessas práticas.

A despeito de um planejamento prévio detalhado, as atividades foram concebidas como passíveis de contínua reavaliação e reinvenção, de modo a responder às necessidades e interesses específicos de cada grupo de estudantes e às demandas identificadas pela equipe gestora das escolas. Essa abordagem permitiu a implementação de um ciclo de práxis – na acepção freireana de ação-reflexão-ação contínua –, beneficiando tanto a equipe do projeto, que constantemente adaptava suas estratégias, quanto os estudantes participantes, que co-criavam o processo de aprendizagem.

Como mencionado anteriormente, todos os encontros com os estudantes foram precedidos por reuniões de alinhamento com as equipes gestoras das escolas. Nessas ocasiões, a proposta do projeto era apresentada, discutida em seus detalhes operacionais e devidamente alinhada aos calendários e dinâmicas internas de cada unidade de ensino.

No que tange aos encontros com os discentes, as ações foram intencionalmente diversificadas para abranger distintos estilos de interação e manter o engajamento do grupo. O repertório metodológico incluiu: a) Palestras expositivas e dialogadas; b) Debates temáticos moderados; c) Rodas de conversa; d) Interações com pequenos grupos; e) Atendimentos individualizados para esclarecimento de dúvidas pontuais.

A duração das intervenções variou entre uma e três horas, a depender da disponibilidade da escola e da complexidade das atividades. Em turmas mais numerosas,

optou-se pela divisão em subgrupos, estratégia essencial para assegurar a qualidade da interação e a efetividade da aprendizagem.

A etapa final do projeto consistiu na visita guiada dos estudantes ao campus do Ifap Oiapoque. Essa fase teve por objetivo proporcionar um contato tangível com a instituição, permitindo a vivência de atividades práticas de cunho educativo, cultural e interativo. A visita foi integrada à programação da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT), ocorrida em novembro de 2024, e aberta a todos os estudantes das escolas, transcendendo o grupo diretamente envolvido nas atividades anteriores.

Durante a visita, os participantes tiveram a oportunidade de conhecer as instalações do campus, incluindo laboratórios, biblioteca, salas de aula e um planetário interativo. Além disso, foram expostos a produções científicas e tecnológicas desenvolvidas por discentes e docentes do Ifap campus Oiapoque, e obtiveram informações detalhadas sobre a estrutura pedagógica, processos seletivos e oportunidades formativas oferecidas pelos cursos técnicos e superiores. Essa experiência concretizou e ampliou as informações veiculadas durante as visitas às escolas, consolidando a imagem do Instituto como uma opção de acesso ao ensino profissional e tecnológico de qualidade.

Ao longo de todas as fases do projeto, privilegiou-se uma avaliação processual e contínua, alinhada com a natureza dialógica e participativa da iniciativa. Os instrumentos de avaliação incluíram momentos formais e informais de discussão e escuta, nos quais os estudantes das escolas foram incentivados a fornecer *feedbacks* imediatos e perceptivos sobre as atividades. Essas contribuições, por sua vez, forneceram subsídios valiosos para os ajustes metodológicos realizados pela equipe executora, assegurando que a ação extensionista se mantivesse responsiva e sintonizada com os anseios de seu público-alvo.

Entre os erros reconhecidos pela equipe ao longo do processo, destaca-se a subestimação inicial do tempo necessário para as dinâmicas em turmas maiores, o que gerou, nas primeiras visitas, uma condução apressada das atividades de fechamento. A dificuldade em romper o silêncio de algumas turmas também foi, inicialmente, interpretada pelas bolsistas como um fracasso pessoal, percepção que foi sendo trabalhada nas reuniões de *feedback* para que compreendessem que a timidez é uma reação esperada e que a construção de confiança demanda tempo. Como acerto, aponta-se a decisão de incluir os atendimentos individualizados na programação, pois foi nesses momentos mais reservados que os estudantes revelavam suas dúvidas mais profundas e seus reais receios – questões que não ousavam compartilhar diante do grupo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos com a execução do projeto permitem afirmar que seus objetivos centrais – a promoção da divulgação institucional e o estabelecimento de uma aproximação dialógica com a comunidade escolar local – foram plenamente alcançados. O contato direto e continuado entre a equipe extensionista e os participantes, tanto durante as visitas às escolas quanto nas atividades realizadas no campus, mostrou-se decisivo para desmistificar a imagem do Instituto Federal como um espaço distante, elitizado ou inacessível. Ademais, foi possível desconstruir percepções equivocadas que opunham simbolicamente os estudantes do Ifap ao restante da juventude local, demonstrando, na prática, a vocação inclusiva e pública da instituição.

O engajamento e o interesse manifestos pelos 316 estudantes participantes – seja pela participação ativa nas dinâmicas, seja pelo entusiasmo durante a visita às instalações do campus – atestam a receptividade da iniciativa. Esse envolvimento transcendeu a mera curiosidade inicial, materializando-se na expressiva consideração do Ifap como uma opção concreta de futuro formativo e profissional, fato corroborado pelo ingresso de parte dos participantes do projeto nos processos seletivos dos cursos oferecidos pelo campus em 2025. Tais evidências sugerem que o projeto logrou não apenas informar, mas também motivar e criar expectativas positivas em relação à educação profissional e tecnológica.

Entre os maiores acertos do projeto, destaca-se, em primeiro lugar, a adoção de um modelo de parceria estreita com as escolas, que permitiu a calibragem das ações ao perfil real dos estudantes e assegurou que as atividades dialogassem com suas dúvidas e seus anseios concretos. Em segundo lugar, a decisão de investir na interação face a face e no acolhimento institucional, por meio de bolsistas que compartilhavam a origem e as vivências do público-alvo, revelou-se um fator decisivo para a construção dos vínculos de confiança que sustentaram o êxito da iniciativa. Em terceiro lugar, o ciclo contínuo de planejamento, ação e reflexão permitiu correções de rota ao longo do percurso, evitando que os erros iniciais se consolidassem e assegurando a melhoria progressiva da qualidade das intervenções.

Por outro lado, o maior desafio enfrentado foi, sem dúvida, a limitação logística – especialmente a escassez de veículos –, que restringiu o raio de alcance ao perímetro urbano e impediu que o projeto chegasse às aldeias indígenas e escolas rurais do município, onde a carência de informações sobre a rede federal é ainda mais pronunciada. Esse limite,

reconhecido pela equipe executora, aponta para a necessidade de que futuras edições do projeto busquem fontes adicionais de financiamento e parcerias interinstitucionais que viabilizem o deslocamento para essas comunidades, de modo a ampliar o impacto social da iniciativa e reduzir as assimetrias informacionais que afetam as populações mais isoladas.

Por meio de estratégias extensionistas ancoradas no diálogo e na horizontalidade das relações, o Ifap campus Oiapoque reforçou concretamente seu compromisso social e sua inserção na comunidade do extremo norte do Amapá. A transformação perceptiva ocorrida entre os jovens – que passaram de uma visão da instituição como alheia ou distante para a compreensão de sua acessibilidade e pertinência local – representa um dos principais legados da ação.

Face ao êxito observado, considera-se imperativo que iniciativas como esta não apenas sejam mantidas, mas também sistematizadas e amplamente divulgadas junto à comunidade acadêmica nacional. A replicabilidade dessa experiência em outros contextos – especialmente em regiões periféricas ou de fronteira, como Oiapoque – configura-se como uma potente estratégia para ampliar o impacto social dos Institutos Federais e fortalecer sua missão pública. A documentação e a socialização dessas práticas bem-sucedidas podem inspirar e fundamentar novas ações extensionistas, reafirmando o papel transformador da educação profissional e tecnológica na redução de desigualdades e na construção de trajetórias de inclusão e desenvolvimento regional.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 3. ed. Joinville: Univille, 2004.

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011.

BERNHEIM, C. T. El nuevo concepto de la extensión universitaria. In: FARIA, D. S. (Org.). **Construção conceitual da extensão universitária na América Latina**. Brasília: UNB, 2001. p. 31-55.

DIESEL, A.; BALDEZ, A. L. S.; MARTINS, S. N. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, Pelotas, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MELO NETO, J. F. **Extensão universitária: uma análise crítica**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2001.

RODRIGUES, A. L. L.; PRATA, M. S.; BATALHA, T. B. S.; COSTA, C. L. N. do A.; PASSOS NETO, I. F. Contribuições da extensão universitária na sociedade. **Cadernos de Graduação: Ciências Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 1, n. 16, p. 141-148, 2013.